



**APROPRIAÇÃO DO MODERNO: percepção da arquitetura
residencial unifamiliar em Belém.**

**APROPIACIÓN DEL MODERNO: percepción de la arquitectura
residencial unifamiliar en Belém.**

**APPROPRIATION OF THE MODERN: perception of the single-
family residential architecture in Belém.**

LIMA, Rodrigo Augusto de (1); CHAVES, Celma (2).

1. Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU-ITEC/UFPA.
Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
rodrigoadelima10@gmail.com
orcid.org/0000-0002-2268-8788

2. Doutora em Teoria e História da Arquitetura pela Universidad Politècnica da Catalunya (2005), FAU/
PPGAU-ITEC/UFPA.
Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
celma_chaves@hotmail.com
orcid.org/0000-0003-3437-3844

RESUMO

A arquitetura moderna privada em Belém foi incentivada por legislações municipais nos anos 1940 e 1950 que permitiram a construção de edifícios de mais de dez pavimentos na cidade. Essas mudanças na forma de morar estão também presentes nas residências unifamiliares, destacando a arquitetura produzida por profissionais como Camilo Porto de Oliveira, Laurindo Amorim, entre outros. O artigo estuda as residências que apresentam elementos apropriados de exemplares desta arquitetura local, e de obras



produzidas fora de Belém. Os estudos destas residências foi inicialmente realizado a partir do mapeamento, identificação e fotografias de um conjunto de casas, e posteriormente objetos de seleção tendo como parâmetro a re-apropriação, revisão e replicação (LARA, 2005) da estética da arquitetura moderna na cidade de Belém. Desta maneira, identificaram-se os elementos modernos mais presentes nas fachadas e mapeamento das áreas onde se observam a ocorrência desses exemplares. A partir da identificação das variadas tipologias residenciais, constatou-se preliminarmente, que estas se constituíram-se de acordo com as aspirações estéticas dos grupos sociais que as produziram. Deste modo, reafirma-se a modernidade como um *ethos* cultural (GORELIK, 2003) na qual modos de vida, história e cultura assumem, na apropriação das formas das novas residências, o anseio de materialização de uma “nova” cidade moderna.

Palavras-chave: Modernidade, apropriação, arquitetura moderna, Belém.

RESUMEN

La arquitectura moderna privada en Belém fue incentivada por legislaciones municipales en los años 1940 y 1950 que permitieron la construcción de edificios de más de diez plantas en la ciudad. Estos cambios en la forma de vivir también están presentes en las residencias unifamiliares, destacando la arquitectura producida por profesionales como Camilo Porto de Oliveira, Laurindo Amorim, entre otros. El artículo estudia las residencias que presentan elementos apropiados de ejemplares de esta arquitectura local, y probablemente de obras producidas en otras ciudades y regiones. Los estudios de esas residencias, fueron, inicialmente, realizados a partir del relevamiento, identificación y fotografías de un conjunto de casas de la estética de la arquitectura moderna en la ciudad de Belém. De este modo, se identificaron los elementos modernos más presentes en las fachadas y mapeamiento de las áreas donde están los objetos seleccionados para la investigación, teniendo como referencia la re-apropiación, revisión y replicación (LARA, 2005) de la estética de la arquitectura moderna en la ciudad de Belém. A partir de la identificación de las variadas tipologías residenciales, se concluye preliminarmente, que éstas se constituyeron de acuerdo con las aspiraciones estéticas de los grupos sociales que las produjeron. De este modo, se reafirma la modernidad como un *ethos* cultural (GORELIK, 2003), en la que modos de vida, historia y cultura asumen, en la apropiación de las formas de las nuevas residencias, el anhelo de materialización de una "nueva" ciudad moderna.

Palabras clave: Modernidad, apropiación, arquitectura moderna, Belém.

ABSTRACT

The modern private architecture in Belém was encouraged by municipal legislation in the 1940s and 1950s that allowed the construction of buildings with more than ten floors in the city. These changes in the way of living are also present in single-family residences, highlighting the architecture produced by professionals such as Camilo Porto de Oliveira, Laurindo Amorim, among others. The paper studies the residences that present appropriate elements of examples of this local architecture, and probably of works produced in other cities and regions. The studies of these residences were, initially, made from the survey, identification and photographs of a group of houses of the aesthetics of modern architecture in the city of Belém. In this way, the most modern elements present in the facades were identified and mapping of the areas where the selection objects are found, taking as a parameter the re-appropriation, revision and replication (LARA, 2005) observe the occurrence of these specimens. From the identification of the various residential typologies, it was preliminarily verified, they were constituted according to the aesthetic aspirations of the social groups that produced them. In this way, modernity is reaffirmed as a cultural *ethos* (GORELIK, 2003), in which ways of life, history and culture assume, in the appropriation of the forms of new residences, the desire to materialize a "new" modern city.

Keywords: Modernity, appropriation, modern architecture, Belém.



INTRODUÇÃO.

A historiografia da arquitetura moderna em Belém pode ser construída a partir da perspectiva de uma modernidade patrocinada pelo Estado e, posteriormente, absorvida por parte da sociedade, a qual poderia realizar tal idealização.

O processo de modernizador da cidade de Belém, como em algumas cidades latino-americanas, não se baseou inteiramente na industrialização dos processos produtivos como propulsor do crescimento das cidades. Essa modernidade, que se inicia com os primeiros edifícios que apresentam elementos modernizados na década de 1930, constituía parte dos planos do Estado, que era, nesse momento, o principal incentivador. Esse ideal de modernidade estatal estende-se até os anos 1950 com o Estado desenvolvimentista. “Assim por meio da arquitetura, vanguarda e estado confluem na necessidade de construir uma cultura, uma sociedade e uma economia *nacionais*” (GORELIK, 2005, p.16), observada em diferentes países latino americanos.

A renovação da edificação institucional pelo Estado varguista a partir de 1930, teve em Belém Magalhaes Barata como interventor federal e como intendente municipal Abelardo Condurú (1936-1943), que juntos promoveram a capital do estado à cidade moderna, com alargamentos de vias e a construção de edifícios de linhas modernas utilizando as novas técnicas construtivas.

Novas lei foram criadas com o objetivo de incentivar a modernização urbana, como o decreto-lei nº 166 de 03 de novembro de 1943, que autorizou a elaboração do Plano Urbanístico da Cidade para remodelar e definir zonas de usos distintos, cinturão verde de circulação rápida, entre outras medidas. A lei nº 3450 de 6 de outubro de 1956 de incentivo à verticalização, que determinava que as construções da Av. 15 de agosto (atual Av. Presidente Vargas) deveriam obedecer ao gabarito de no mínimo 12 pavimentos (CHAVES, 2008). Desta maneira, as obras de modernização se concentraram principalmente nesta avenida, regulando o traçado, fomentando a ocupação do entorno, abrindo precedentes para edifícios em altura, como a construção do Edifício-sede dos Correios e o Central Hotel em 1938, seguindo nos anos 40 com a sede da companhia de navegação *Booth Line* e Ed. Dias Paes (1945), Ed. Piedade



(1949), Ed. Renascença (1950), Ed. do IAPI (atual INSS) em 1958 e o longo, porém prospero marco do moderno o Edifício Manoel Pinto da Silva construído em três etapas, começando em 1951 até 1960, consagrando a Avenida 15 de agosto como a plataforma propulsora da modernidade (VIDAL, 2016).

Este cenário demonstra como a arquitetura moderna foi sendo incorporada culturalmente nessa área da cidade, inserindo um novo modo de vida e uma nova forma de morar, primeiramente, pelo Estado, incorporado pelos projetistas, construtores e engenheiros, e, posteriormente, absorvida pela sociedade como ideal de modernidade.

Nesse artigo, pretende-se ir além dos fatos que constituíram essa “modernidade corrente” (SEGAWA, 1999), para buscar, nas arquiteturas denominadas de “caráter popular”, uma camada do moderno para além das que constam até o momento, nos estudos sobre essa manifestação em Belém, buscando assim novas expressões do moderno. Este estudo é fruto de pesquisa de mestrado PPGAU/UFPA, apresentando resultados parciais sobre a localização destes exemplares de referências modernas e leituras dos elementos estéticos-formais presentes nos mesmos.

A RECEPÇÃO, INFLUÊNCIA E DIFUSÃO DA NOVA MORADIA MODERNA.

A década de 1940 marca o início de um processo que desencadeia a construção de uma série de edifícios verticalizados: institucionais, comerciais e residenciais. Estes últimos tiveram uma intensa publicidade que a demonstrava como ideal de modernidade, pois apresentava um novo “espaço de moradia e oferecia uma nova concepção de habitar típica das cidades americanas de ritmo diferenciado da capital paraense (MACHADO; CHAVES, 2013, p.3)”, e por meio de técnicas construtivas inovadoras para uma Belém ainda em crise econômica, possibilitariam a construção dos edifícios modernos, cumprindo as exigências de seus usuários.

Neste contexto, Derenji (2001) pontua que havia certa resistência a edifícios em altura e deste modo, o edifício São Miguel (1957) do engenheiro Edmar Penna de Carvalho, e também o edifício Dom Carlos (1956/1957) do engenheiro Camilo Porto de Oliveira, atraíram olhares mais receptivos pela concepção mais reduzida em altura, apenas 4



pavimentos, que causava uma familiaridade com as residências unifamiliares. Ademais, esses edifícios já apresentavam linhas e concepções modernas da arquitetura brasileira.

Não obstante, Alberton (2006) pontua os traços de *influência* da arquitetura moderna brasileira, como, o térreo em pilotis, o racionalismo do partido arquitetônico sem que retirasse sua leveza, com elementos vazados na fachada criando em maior conexão entre o interno e o externo. Apesar da resistência à incorporação imobiliária e suas relações com a arquitetura moderna, apontado por Freire (2015), a edificação tem o papel *difusor* desta linguagem arquitetônica. Deste modo, a construção de edifícios em altura, de condomínios residenciais, o processo acelerado de crescimento urbano, os novos programas arquitetônicos, como: clubes recreativos, edifícios de uso múltiplo etc., foram pontos essenciais na adequação das cidades brasileiras nos anos 1950 e 1960.

Chaves (2012) nota que a *recepção* da arquitetura moderna nos anos 1940 e 1950 foi tomada por uma demanda de grupos sociais, como comerciantes, empresários bem-sucedidos e profissionais liberais que ascenderam economicamente e por meio dela buscavam sua representação e legitimação. Contrataram engenheiros e construtores para as encomendas, suas casas, haja vista que não havia arquitetos titulados na cidade. Movidos pelo anseio “pelo ‘novo e moderno’, no qual figuratividade e funcionalidade, localização privilegiada e novas espacialidades, comporão o cenário do padrão de modernidade da ‘Belém modernista’ (CHAVES, 2012, p. 2)”. A cidade crescia para áreas suburbanas, onde as dimensões dos terrenos eram mais generosas e adquiridos pelos grupos sociais mais abastados de famílias tradicionais e por grupos imobiliários que ali construía os primeiros condomínios em Belém (CHAVES, 2012). Isto permeia a reflexão de Nascimento (2017) sobre o pensamento Steves (2003) a respeito da relação do *capital* e arquitetura, quando:

Para Stevens, os capitais econômico e intelectual (elevadas remunerações e prestigiados diplomas) não só definem o espaço social da arquitetura, mas também estabelecem a hierarquização do campo a partir do montante de capital de cada arquiteto e da possibilidade de cada arquiteto acessar determinado capital. Entretanto, Stevens aponta que a forma mais valiosa de capital e a intelectual já que é através deste que o campo decide quem são os seus membros. Assim, os objetos da arquitetura produzidos por membros legitimados pelo

campo agregam, igualmente, *valor* econômico ou intelectual (NASCIMENTO, 2017, p.286)



Figura 1: Casa Gabbay (1954)
Fonte: Davi Santos (2018).

Neste cenário, a figura dos engenheiros Laurindo Amorim com a Casa Gabbay (Figura 1) e o que mais se sobressaia na produção de arquitetura residencial unifamiliar, Camilo Porto de Oliveira. Este introduziu inovações da arquitetura moderna brasileira, com *influência* (ALBERTON, 2006) dos princípios da *escola carioca*, pelas suas constantes viagens ao Rio de Janeiro e consulta as revistas estrangeiras de arquitetura (CHAVES, 2012), sendo mais um aspecto receptor e difusor da linguagem da arquitetura moderna. Suas residências passam a ser referências nos círculos sociais da nova burguesia, a partir da construção de sua primeira casa com referências modernas segundo Camilo Porto de Oliveira, a Casa Moura Ribeiro em 1949 (Figura 2). Destacando-se pela concepção formal e elementos construtivos, de maneira a atender a expectativa de seus clientes e adequando-a ao contexto regional. Desde a implantação no terreno com

afastamentos laterais, promovendo a melhor circulação do ar, incluindo a utilização de *brise soleil* e cobogós para a proteção da isolamento e a utilização da elevação de piso para conter a umidade do solo (CHAVES; DIAS, 2016a). Este conjunto de soluções arquitetônicas faz com que “a casa adquira assim uma dimensão pública, expondo-se como um objeto moderno na cidade, quase uma escultura (CHAVES, 2008, p.160 apud CHAVES; DIAS, 2016a, p. 3)”. Camilo Porto, a partir deste momento recebe várias encomendas de clientes ávidos pela modernidade e seu sucesso está relacionado, no que Chaves (2012) afirma que:

Por sua capacidade de relacionar-se com a precariedade de um meio tecnológico e material, ou fazer de sua obra um elemento criador de uma nova realidade para parte da sociedade, e uma referência de modernização para os que não podiam pagar por seus projetos, este profissional contribuiu para a difusão de uma maneira própria e regional de produzir a arquitetura nesta parte da Amazônia brasileira (CHAVES, 2012, p.5)



Figura 2: Casa Moura Ribeiro (1949).

Fonte: Laboratório de historiografia da arquitetura e cultura arquitetônica (LAHCA-UFPA).

Nos anos 1950 as casas, “Bittencourt” (dec. 50), “Chamié” (dec.50), “Belisário Dias” (1954) e “Bendahan” (1957), demonstram a produção intensa e suas construções ultrapassaram da primeira légua patrimonial ao longo da avenida Almirante Barroso, chegando a condomínio presente na região metropolitana, ampliando o eixo da modernização da cidade. As condições para a projeção estavam favoráveis, além da carta de clientes abastados, como a dimensões dos terrenos, maiores que das áreas

centrais, que possibilita uma maior liberdade volumétrica entre adições e subtrações para que se alcançasse o equilíbrio. Além da maior transparência nas fachadas e a eleição de materiais de acabamento (CHAVES; DIAS, 2016a)

A exemplo, o projeto da Casa Belisário Dias (1954) (Figura 3), pela rica composição de elementos estéticos-estruturais dentro do conjunto formal da obra. Na fachada principal, voltada para avenida Almirante Barroso, apresenta-se uma marquise, que sinaliza a entrada da residência, combinada com um conjunto de arcos que sustentam o volume semicircular que está sobre o ambiente estar/jantar da residência e acompanhada de *brises* enfileirados serpenteando até o limite do terreno. Na face esquina da travessa Vileta, há perfeita apreciação da curvatura do arco e também se percebe a presença de volume acima da casca de concreto que demonstra a existência de um pavimento superior, este volume há presença de significativo número de *brises* e a cobertura em telhado em “V”, além de uma entrada lateral para o abrigo de automóvel e um bloco anexo a casa (CHAVES; DIAS, 2016a). Uma característica do projeto é a elevada quantidade de aberturas promovendo a conexão do ambiente externo e interno, além dos afastamentos laterais com jardim que promovem a ventilação e também a contemplação da casa.



Figura 3: Casa Belisário Dias (1954).
Fonte: Chaves (2006).



A produção de arquitetura moderna em Belém foi derivada da interpretação de engenheiros sobre a linguagem da arquitetura moderna brasileira, principalmente pela *influência* escola carioca (ALBERTON, 2006). Visto a necessidade de legitimar a atividade de arquiteto, a qual possibilitaria um campo de atuação maior, nos anos 1960, mais precisamente em 1964 a fundação do curso de arquitetura, habilitando em dois anos engenheiros a atuarem como arquitetos. Camilo Porto de Oliveira incentivador e aluno da primeira turma, com formação de arquiteto em 1966 (CHAVES, 2012). Nesta mesma década a atuação de Porto de Oliveira continua intensa, porém com certa diferença da década anterior, demonstra simplicidade e regularidade da forma na composição formal de seus projetos, sem a habitual reprodução sistemática de elementos de referências modernas (CHAVES; DIAS, 2016b). Nos anos 1960 Porto aposta em elementos de fachada, pontuados por Vidal et al (2017), como platibandas em plano reto e plano inclinado, janelas com venezianas e uma grande diversidade de texturas aplicadas, entre pedras e revestimentos cerâmicos, a exemplos das casas Jayme Rendeiro (1963), Chalú Pacheco (1963) e Aziz Mutran II (1966).

Ressaltando a casa “Presidente Pernambuco” (déc.60) (Figura 4), como a presença de panos de vidro linear na fachada percorrendo em sua extensão, protegida da isolação por um frontão em plano inclinado. Indicando uma valorização das transparências, já presente no repertório do autor, apresenta um maior refinamento na utilização dos acabamentos em pedras polidas e um pilar em formato trapezoidal na fachada, além de marquise que servia como abrigo para automóvel e o partido arquitetônico ainda compõe com jardins frontais e laterais (CHAVES; DIAS, 2016b). O conjunto compositivo-formal demonstra a revolução projetual presente neste momento de atuação profissional de Porto de Oliveira, a qual o tornou um expoente na produção da arquitetura moderna residencial na cidade.



Figura 4: Casa Presidente Pernambuco (dec. 60).

Fonte: Site Fragmentos de Belém – Retirada da Revista Belém 350 anos, 1966.

A APROPRIAÇÃO DA ESTÉTICA MODERNISTA NAS RESIDÊNCIAS.

Em 1955 Walter Gropius fez questionamentos sobre a arquitetura moderna produzida por Oscar Niemeyer no projeto da “Casa das Canoas”, indagando-o sobre o paradoxo entre a produção e a reprodução desta arquitetura, devido a impossibilidade da reprodução em larga escala ou uma pré-fabricação do edifício, procedimento comum na Europa (LARA,2002). Diferentemente da realidade da Europa, no Brasil afirma Lara (2002) que não houve a reprodução de uma tipologia por inteiro, e sim de fragmentos dos elementos da estética do modernismo, que foram reproduzidos maciçamente por meio de processos e técnicas adaptáveis a realidade local.

A apropriação da estética modernista publicitada intensamente pelo governo e também veio atender inicialmente as elites locais nos anos 1950, que podiam custear a prática desta arquitetura moderna, se tornando signos de *glamour* e *status* (LARA, 2005a). Desta forma em Belém, estes grupos sociais vindos da elite tradicional remanescente da



época da borracha e da nova burguesia, comerciantes e profissionais liberais, se utilizaram desta estética em suas casas modernas para sua legitimação perante a sociedade local, produzindo um significativo número de exemplares de referências modernas na cidade.

Culturalmente Canclini (1997) atribui a *hibridéz cultural*, em que o moderno segmentou o direito à cultura. Desta forma, o acesso as artes e suas grandes obras, inclui a arquitetura está para os “cultos” e algo de caráter “popular” está vinculado ao folclore, sem o rebuscamento e o sentido dos objetos produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada, de um bairro ou de uma classe, não tivesse a devida relevância. E nesta tentativa de inserção de uma cultura arquitetônica, “não chegamos a uma modernidade, mas a vários processos desiguais e combinados de modernização (CANCLINI, 1997, p. 154)”.

Neste contexto, a estética modernista transpôs as barreiras monetárias, sendo assimilada por outras camadas da sociedade, como a classe média que buscava expressar essa modernidade em seu espaço de moradia. Assim, “o homem da rua, cético e irônico por natureza, começou a se orgulhar dos edifícios que no início considerava engraçados e bizarros (MARTINS, 2011, p.143)”. Deste modo, a percepção dessas residências de classe média infere uma identificação com o moderno pela *re-apropriação, revisão e replicação* (LARA, 2005a) do elementos estéticos-formais da arquitetura moderna brasileira presentes nas fachadas das casas. Por mais que esta *apropriação* arquitetônica tenha sido considerada *kitsch* (GUIMARÃES e CAVALCANTI, 2006; LARA, 2005a; MARTINS, 2011), tão como uma *modernidade de fachada* (LARA, 2005a) e produzida muitas vezes por *não-profissionais* apresenta sua singularidade e representatividade na paisagem urbana. E ainda por uma perspectiva sociológica como *estratégias de reconversão*, assim designadas por Bourdieu, “quando as condições objetivas da realização da prática não são dadas ou onde há a imprevisibilidade relativa das possibilidades, o *habitus* pode ser o lugar de forças inventivas e de capacidades criativas (NASCIMENTO, 2017, p.290)”.



Lara (2005a) pontua em seu estudo sobre as casas de classe média em Belo Horizonte uma sobreposição de elementos conflitantes, com conceitos de recortar, colar e montar do repertório do estilo “moderno”. Ainda neste estudo Lara entrevista colaboradores dos projetos das edificações que relatam que a casa havia sido projetada por um parente ou amigo que era formado ou era concluinte do curso de arquitetura ou engenharia, demonstrando uma *contaminação* deste estilo, pela vizinhança seguindo o perímetro da rua, pela de repetição dos elementos compositivo das casas.

Em Belém o estudo de percepção de casas de referências modernas em alguns bairros da cidade, nos instiga a realizar estudos sobre suas representações e conhecer exemplares, ainda não apreciados pela historiografia, admitindo “leituras críticas e históricas como elementos que se agregam à obra, reconstituindo-a por sua inserção à trama que recoloca e reconverte o objeto de análise (MARTINS, 2011, p.135)”. Esta análise contribuirá para estruturação de um arcabouço teórico e formal sobre essa arquitetura de carácter popular, porque é provável que não tenham derivação de um projeto arquitetônico elaborado por profissionais titulados.

A partir desse entendimento, foi possível o levantamento de exemplares além do *eixo* da modernidade (CHAVES, 2012), delimitado pela Avenida Presidente Vargas (antiga 15 de Agosto), seguindo pela Avenida Nazaré e Magalhães Barata e partindo para o eixo de expansão da cidade na década de 1950, a Avenida Almirante Barroso (antiga Tito Franco).

Nos eixos de modernidade e arredores delimitados neste estudo, podemos detectar um conjunto de elementos formais e funcionais presentes na estética modernista em Belém. Esses exemplares se caracterizam, em um levantamento preliminar, pelo uso do concreto armado em diversidade de aplicações, assim apresentaram-se nesta arquitetura residencial moderna: cascas em concreto, marquises, arcos, pilotis retos e em forma de “V”, *brises* horizontais e verticais. Além das maiores aberturas nas fachadas em panos de vidro, utilização de venezianas e elementos vazados, como cobogós e tijolos de vidro. Nas coberturas observa-se em telhados “borboleta”, platibandas em plano reto e inclinado. Esses elementos estão presentes tanto na arquitetura erudita, produzida por



engenheiros e arquitetos, quanto na arquitetura popular produzida por não profissionais. Dessa maneira, “o artefato construído pelo saber fazer não pode ser dissociado do contexto de necessidades e usos daqueles que o pensaram, e também é passível de modificações (COSTA, 2015, p.26)”. As casas construídas se diferenciam pela escala do edifício, pela dimensão do terreno e pela eleição de elementos formais em suas fachadas.

MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DAS RESIDÊNCIAS: O MODERNO POPULARIZADO.

Para Waisman (2013), a atuação do historiador da arquitetura parte da possibilidade de presenciar o fato a ser pesquisado, que possui uma extensão física e permanência no tempo, desde o período de origem até o momento em que se mostra aos sentidos do historiador. A obra de arquitetura “embora pertença a outro tempo e lugar, é, em si mesma, o testemunho histórico principal e imprescindível, o que reúne em si os dados mais significativos para o seu conhecimento (WAISMAN, 2013, p.11)”. Desta forma a busca, como *flâneur*, por exemplares de residências de referência moderna se iniciou por três bairros da capital paraense: Reduto, Cidade Velha e São Brás. Por meio de um levantamento fotográfico pôde-se perceber um conjunto significativo de exemplares de referência moderna nesses bairros, verificando como se deu a assimilação e a apropriação dos elementos modernos da arquitetura nos exemplares encontrados.

Bairro do Reduto.

O bairro do Reduto (Figura 5), nas proximidades da Avenida Presidente Vargas (antiga avenida 15 de agosto), apresenta elementos da arquitetura moderna em suas residências, que apesar dos terrenos de menor dimensão.



Figura 5: Conjunto das residências do bairro do Reduto.
Fonte: George Lima (2018).

Há uma variação de elementos apresentados em cada logradouro. Por exemplo, na travessa Benjamin Constant, no perímetro da Avenida Governador José Malcher até a área portuária na avenida Marechal Hermes, apresenta exemplar a Casa nº 844 (Figura 6), uma característica de transição de estilos, da cobertura em telhado tipo bangalô, um momento anterior a arquitetura moderna, porém elementos como pilares em ‘V’, sustentando a varanda do pavimento superior e a cobertura acima dela.



Figura 6: Casas 844.
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Seguindo na mesma travessa, a Casa nº 802 (Figura 7), nota-se a presença de pilotis em parte do pavimento térreo, os pilotis seguem para a sacada superior apoiando a marquise em concreto armado que faz parte da cobertura, a presença de elementos vazados e uma disposição de telha que remete ao telhado em ‘V’, porém sem a presença de platibanda, apenas com a empena. Importe ressaltar que nos dois casos já há a presença de recuos frontais e laterais.



Figura 7: Casas 802.

Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Diante deste cenário em busca da modernidade, “a arquitetura produzida em Belém assumiu em seu *corpus* projetual os estilismos modernos, em soluções arquetípicas de partido arquitetônico, em elementos e detalhes formais e de suporte estrutural (CHAVES, 2012, p.3)”. Na casa de número 774 (Figura 8), observa-se um sobrado, com um robusto volume prismático revestido de pastilha cerâmica em balanço ocupando toda a extensão do terreno, repleto de elementos vazados e *brises* sua fachada.



Figura 8: Casa 774.
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Bairro da Cidade Velha.

No bairro da Cidade Velha, local de fundação da cidade de Belém e predomínio de arquitetura colonial no século XVII e ecletismo no século XIX, observou-se o quantitativo mais expressivo de exemplares de referência moderna do estudo: 15 (Figura 9). Isto demonstra como a modernidade inseriu-se culturalmente na sociedade, por meio da adoção das referências modernas que se destaca frente às residências tradicionais de um bairro histórico. Surpreendente pela característica tipológica dos terrenos, estreitos, com testadas curtas e comprimento longo, além da irregularidade da forma. A exceção são os exemplares encontrados na avenida Almirante Tamandaré, por possuírem terrenos mais generosos.



Figura 9: Conjunto das residências do bairro da Cidade Velha.
 Fonte: George Lima (2018).

As casas possuem aproveitamento das testadas por completo, com pequenos recuos frontais e laterais para uma pequena contemplação do edifício e também para a locação de pequenos jardins. A concepção formal é mais racional, com linhas *corbusianas* e com a aplicação de revestimentos cerâmicos e texturas. Os edifícios são em sua maioria sobrados, e em alguns casos observam-se o uso de planos inclinados na fachada típicos dos anos 1960.

Destacando a casa nº 376 da Rua Dr. Malcher (Figura 10) esquina com a travessa Capitão Pedro Albuquerque, nos apresenta uma bela contemplação do edifício, sobrado, com recuos e jardineiras, de forma cúbica e fachadas com grandes aberturas em esquadrias em alumínio com bandeiras em vidro no pavimento superior e venezianas no pavimento térreo, além de revestimentos em pedra e cerâmicos e a cobertura em platibanda reta.



Figura 10: Casa nº 376.

Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Caso semelhante, é a casa nº 929 (Figura 11) da rua Arsenal de esquina com a rua Óbidos com a diferenciação da ausência de jardineiras, aberturas ainda mais generosa com portas deslizantes no lugar das janelas no térreo e na varanda do pavimento superior, e com a aplicação de painéis em baixo relevo na fachada frontal no térreo em madeira e no pavimento superior em metal.



Figura 11: Casa nº 929.
Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Seguindo com a análise para a casa nº 211 (Figura 12) na avenida Almirante Tamandaré, se destaca entre os três exemplares selecionados, pela concepção do partido diferenciado em uma escala mais elevada que edifícios de mesma tipologia e do caráter compositivo da forma. O exemplar apresenta parcialmente o térreo em pilotis, com um pátio frontal e a garagem, que sustentam um generoso volume do pavimento superior em formato prismático trapezoidal. A fachada rica em elementos vazados, entre cobogós e gradis, que preenche quase com inteiro o volume superior, além de uma platibanda como um frontão.



Figura 12: Casa nº 211.
Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Bairro de São Brás.

O bairro de São Brás (Figura 13), localizado na confluência das Avenidas Magalhães Barata, Almirante Barroso e ainda a Avenida Governador José Malcher, local onde encontram casas projetadas por Camilo Porto de Oliveira, como a “Belisário Dias” e a “Bittencourt”, também a icônica Escola Benvinda de França Messias do arquiteto Edmar Penna de Carvalho, presença de marcos de arquitetura moderna no bairro da década de 1950. Apesar disso, é o bairro em menor quantitativo de exemplares, todavia não menos relevantes. Os exemplares encontrados são tanto sobrados, quanto casas térreas (Figura 9). Estas com uma menor adoção de elementos estéticos-formais, porém evidentes em suas fachadas e os sobrados são de características diferentes, um com a presenças de vários elementos compositivos nas fachadas que remetem aos anos 1950 e o outro com simplicidade formal e regularidade da forma, mais comum nos anos 1960. Os terrenos se caracterizam por apresentarem testadas estreitas.



Figura 13: Conjunto das residências do bairro de São Brás.
Fonte: George Lima (2018).

A casa nº 1967 (Figura 14) localizada na travessa 14 de abril, se destaca pela eleição de poucos elementos formais e estruturais para a composição de sua fachada, por apresentar pilar em forma de “V” e assimétrico como elemento central que sustenta uma marquise em concreto armado que cobre um pequeno pátio e a abrigo para automóvel, também uma platibanda de formato trapezoidal que esconde o telhado. Os elementos evidenciados lhe dão destaque no conjunto do entorno residencial, apesar de sua escala ser menor, como casa térrea.



Figura 14: Casa nº 1967.
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Na Avenida José Bonifácio, encontramos a casa nº 1226, está no limite entre o bairro de São Brás e Guamá, em tipologia de sobrado. Esta apresenta testada maior e sendo a primeira casa de uma vila, evidencia um conjunto de elementos estéticos- formais como um semiarco nasce rente ao solo, sua abertura se eleva até a linha de segundo piso e seguindo até a limite do terreno, onde há um piloti que sustenta o pavimento superior elevado sobre a entrada da vila. Além de apresentar *brises* em concreto e varanda com guarda-corpo estruturado em concreto, e cobertura com empena como frontão com ventilação do forro e telhado em fibrocimento.



Figura 15: Casa 1226.
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Na casa nº 807 (Figura 16) na travessa Francisco Caldeira Castelo Branco, apresenta em sua testada estreita elementos da arquitetura moderna produzida em Belém similar aos dos anos 1960, pela simplificação formal do partido que destaca o volume do segundo pavimento apoiado em elementos estruturais laterais em plano inclinado rente ao limite do terreno, com esquadria que contempla o comprimento por completo da fachada, com folhas em venezianas e vidro.



Figura 16: Casa nº 807.
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Outro destaque é a casa 3453 na avenida Conselheiro Furtado, de uma escala edificada reduzida e uma testada não mais de 3 metros de comprimento, porém a utilização dos elementos formais da arquitetura moderna é explícita, como o recuo frontal como pequeno pátio e mureta com elementos vazados, cobogós, e um pequeno pórtico de entrada em concreto armado de desenho assimétrico sustentado por pilotis tubulares e metálicos (Figura 17).



Figura 17: Casa nº 3453.
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Evidencia-se novamente a questão da assimilação da linguagem da arquitetura moderna como parte integrante da sociedade e ideal de modernidade do momento histórico, por meio da apropriação dos elementos estéticos-formais da arquitetura moderna como uma participação da manifestação da modernidade ocorrida na cidade e aplicada por instâncias políticas e sociais elitistas dos anos 1950-60. Cabendo aqui a percepção histórica de Martins, quando aponta que:

Qualquer pessoa que ande por uma cidade média no Brasil encontrará, se a intensa especulação imobiliária a ainda não tiver destruído, bairros residenciais construídos nos anos 1950, em que se encontram inúmeras casa *à la* Niemeyer: pilotis em V, coberturas em tesoura invertida, elevação de piso [...]. Certamente não são obras de Niemeyer e, na maioria das vezes, nem de arquitetos. De uma perspectiva sociológica estrita essas obras serão consideradas *kitsch*. Para nós esse fenômeno deveria interessar em outra perspectiva. Importa assinalar aí que, num dado momento da história do país, a classe média, inclusive das pequenas cidades do interior, teve o “moderno como valor. (MARTINS, 2011, p. 160)

CONSIDERAÇÕES FINAIS.



A história da arquitetura é determinada por suas tradições, objetos que analisa, pelos métodos que adota e determina suas transformações e a coisa real que constrói (TAFURI, 1984). Desta forma, a modernidade na arquitetura aqui estudada parte de iniciativas de particulares, as quais propiciaram transformações nos modos de vida, e, por sua vez, contribuíram para a adoção de novas formas de morar. Este ideal de modernidade foi paulatinamente incorporado pela sociedade, primeiramente, pela elite local e uma nova burguesia que ascendia economicamente e necessitava deste “novo” e “moderno” para o reconhecimento perante a sociedade e a cidade, e, posteriormente, pela classe média e demais camadas sociais, como desejo integrante deste “moderno”. Como afirma Vidal:

Essa realidade que nos convida a pensar esse moderno a partir de outro ponto que vê como importante tanto as circunstâncias, os ideários, a movimentação dos atores no espaço social, quanto os objetos materializados no espaço físico, buscando a não naturalização dos fatos históricos, mas o entendimento das tramas e motivações que o fizeram surgir. (VIDAL, 2016, p.23)

A recepção desta arquitetura moderna se legitima com a produção de edifícios na cidade, salientando a produção de residências e a figura de Camilo Porto de Oliveira, que contribuíram para a construção de uma nova história da cidade para o esquecimento de tempos difíceis pós economia da borracha. A concretização do moderno pelas edificações implementadas na cidade, por meio da tecnologia do concreto armado possibilitou uma gama de elementos estéticos-formais que caracterizam tal arquitetura como signo de uma época. Este signo estético e cultural, demonstra-se nos elementos formais apresentados nas fachadas de um número significativo de casas de presentes nos bairros pesquisados, assim como, a maneira em que esses elementos foram apropriados para sua concepção.

Por fim, a assimilação de estética modernista é evidenciada na variedade de formas e escalas dos edifícios e terrenos que foram implementadas, tanto nas proximidades das áreas centrais, como em áreas mais periféricas. Isto demonstra que a linguagem moderna foi incorporada como um “*status* de identidade social” (LARA, 2005b) e ideal de modernidade, com a adaptação de tecnologias e materiais disponíveis para tal feito.



Isto se evidencia nas dezenas de casas modernistas e *modernosas* (LARA, 2005a) presentes na cidade.

É importante salientar que as casas apresentadas são parte da pesquisa em desenvolvimento e o estudo realizado até o momento, evidencia que existe uma variedade significativa de exemplares que apresentam variações interessantes de um moderno que passa pela apropriação tanto de formas como de elementos exteriores. A próxima fase da pesquisa se centrará na análise do processo de assimilação e adaptação da concepção espacial moderna e suas expressões nos exemplares selecionados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBERTON, Josicler Orbem. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CHAVES, C. **Recepção, particularidades e limites da arquitetura modernista produzida em Belém**. In: Seminário Internacional Brasil-Argentina-México - 4º Encontro de estudos comparados em Arquitetura e Urbanismo nas Américas - A Circulação das ideias na América Latina: o moderno na Arquitetura e Urbanismo, v. 01. Uberlândia, 2012.

CHAVES, Celma; DIAS, Rebeca. **Documentação e Estudo da Arquitetura Residencial Moderna em Belém (1940-1970)**. In: Seminário DOCOMOMO – BR, 11, O Campo Aplicado do Movimento Moderno. Recife, 2016a.

_____. **Documentação e Análise da Arquitetura Residencial em Belém (1949-1960)**. In: Seminário da arquitetura moderna na Amazônia, 1. Manaus, 2016b.

COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. **Raio que o parta! Assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (Pa)**. 2015.



176f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade federal do Pará, Belém/PA.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Modernismo na Amazônia. Belém do Pará, 1950/70.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 017.04, Vitruvius, out. 2001 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.017/838>>. Acessado 15 out. 2017.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Carlos, 2015.

GORELIK, Adrián. **Lo Moderno en debate: Ciudad, modernidad, modernización.** *Universitas Humanística*, núm. 56. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia. Junio 2003, pp. 11-27. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79105602>. Acessado em: 11 abr. 2017.

_____. **Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina.** Ed.: UFMG, Belo horizonte, 2005.

GUIMARÃES, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura Kitsch: suburbana e rural.** Ed.: Paz e Terra. 3ª edição, 2006.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna.** Ed.: Loyola. São Paulo/SP. 15ª edição, 2006.

LARA, Fernando. **Modernismo de Fachada? Considerações sobre a Apropriação Popular das Estética Modernista.** In.: SHCU 1990 – Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 7, n.1, 2002. Disponível: <unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/884/859>. Acessado em 14 nov. 2016

_____. **Modernismo: Elogio ou Imitação?** In.: *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v.12, n. 13, p.171-184, dez. 2005a. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/783>. Acessado em 14 nov. 2016.



_____. **A insustentável leveza da modernidade.** Arqutextos, São Paulo, ano05, n.057.04, Vitruvius, fev.2005b. Disponível: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/05.057/500>>. Acessado em 14 nov. 2016.

MACHADO, Izabelle; CHAVES, Celma. **Moradias modernistas em Belém (PA): documentando um novo modo de vida.** In: Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 3.Belo Horizonte, 2013.

MARTINS, Carlos A. F. **“Há algo de irracional...”.** Notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira. In.: Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: v.2/ organização Abilio Guerra. Ed.: Romano Guerra, São Paulo, 2010, p. 131-168.

NASCIMENTO, Denise Morado. **Uma leitura bourdieusiana da arquitetura.** In: Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação / organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017, p.283-296.

PIZZA, Antonio. **La construcción del pasado.** Ed.: Celeste, Madri, 2002.

TAFURI, Manfredo. **La Introducción: El proyeto histórico.** In: La esfera y el laberinto. Vanguardias y arquitectura de piranesi a los años setenta. Biblioteca de arquitectura, Barcelona, Gustavo Gili, 1984.

VIDAL, C. C. S. P. **Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém.** Arqutextos, São Paulo, 094.06, Vitruvius ano 08, mar 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revista/read/arqutextos/08.094/161>. Acessado em 17 ago. 2016.

_____. **Experiências do Moderno em Belém: construção, recepção e destruição.** V!RUS, São Carlos, n. 12, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=11&lang=pt>>. Acesso em: 10 dez. 2016.



VIDAL, C. et al. **O percurso da modernidade arquitetônica de Camilo Porto de Oliveira: da diversidade à simplificação formal.** In: Seminário da Arquitetura moderna na Amazônia, 2. Palmas, 2017.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para o uso de latino-americanos.** São Paulo: Perspectiva, 2013.